

FIGUEIREDO, Guilherme. Guilherme Figueiredo
em defesa de Campinas. Correio Popular,
Campinas, 07 jul., 1978.

Guilherme Figueiredo em defesa das pombas

Foi enviada à redação do Correio Popular, com data de 3 de Julho, uma comunicação de Guilherme Figueiredo; conhecido teatrólogo e diplomata, autor da peça teatral "A Raposa e as Uvas", mundialmente conhecida; na qual transmite a sua solidariedade ao movimento em defesa das pombas, que foi coroado de êxito nesta semana. Ainda que atrasado, não poderíamos deixar de publicar seu recado e seu artigo, que encontrou espaço em vários jornais do país, uma vez que o fato nos enseja a satisfação do dever cumprido e a certeza de que a voz humana e sensível da população campineira foi ouvida nos quatro cantos deste país, levada pelas letras deste filho que a defendeu e aos agora vitoriosos pombos. O bilhete manuscrito, a nós enviado e que introduz o seu artigo aos componentes desta redação, tem o seguinte teor:

"Caros colegas do Correio Popular,

Como campineiro, não posso ficar de fora da benemérita campanha em favor dos pombos campineiros — e outros. O artigo junto será publicado no Rio (Última Hora), Porto Alegre (Correio do Povo) e Salvador (Jornal da Bahia). Se puderem publicá-lo, ficarei muito honrado. Abraços de

Guilherme Figueiredo

FIGUEIREDO, Guilherme. O pogrom dos pombos. Correio Popular, Campinas, 07 jul., 1978.

O POGROM DOS POMBOS

Leio com espanto que na minha terra, a doce e afável Campinas, instalou-se uma filial do esquadrão da morte. Não para dar cabo de mendigos, que lá não há; nem de marginais, tampouco inexistentes; nem de um ou outro espertalhão político, mais merecedor de uma vaia de que de um tiro. Um esquadrão da morte para matar pombos.

Já houve um execrável prefeito que, ouvindo dizer que as andorinhas transmitem não sei que enfermidade, invadiu o mercado local com bombas de DDT — e efugentou dos céus campineiros (ou campinenses, como quer a douda Academia local, de que sou membro correspondente, com muita honra) as aves que ensinaram Santana Gomes, Carlos Gomes, Iberê Gomes Grosso, Elísio Lobo, Ana Stella Schic a ser músicos. Desapareceram do pentagrama dos fios elétricos, das nuvens das seis da tarde por cima da Catedral. Mas, teimosas, esperaram o prefeito desaparecer no anonimato, e voltaram, estupendas, mais chilreantes do que nunca.

Isto prova o amor que temos pelas aves — e elas pelos campineiros. Houve também, confesso, um outro crime contra as aves. Desse crime participou um tio meu, o Tio Bento, pessoa admirável, que sabia cantar canções napolitanas, recitava trechos de Eça de Queiroz e de poetas italianos, gostava de ópera e de pôquer. Não sei por que cargas d'água Tio Bento gostou também de rinhas de galo. Não sei se ainda existem em Campinas. Eram o prazer de certos nativos — e isto se prolongou até um meio nativo, o gaúcho-campineiro Osvaldo Aranha. Muitas vezes vi meu tio preparando o seu galo para a refrega. Procedia com minúcias de treinador de box. Até o dia em que um galo menos bravo correu na rinha e Tio Bento o fuzilou ali mesmo, com um tiro de revólver na cabeça. Foi o seu crime único e nefando. Dele o Espírito Santo o há de ter absolvido, porque Tio Bento gostava de levar milho no bolso, para lançar aos pombos do Largo da Matriz. Tenho a mais absoluta certeza de que meu Tio Bento jamais se filiaria ao esquadrão da morte que se instalou em

Campinas. E, note-se: ele era atirador, a ponto de derrubar com dois tiros, um em cada calcanhar, um ladrão que lhe roubara a maleta e fugia rua afora.

Quanto aos pombos, sempre viveram e conviveram conosco, nos céus, nos telhados, nas ruas de Campinas. Claro, de vez em quando um ou outro desaparecia, e convertia-se em cabidela nalguma mesa requintada. Mas isto é pecado de gula, e não crime de morte, pelo menos enquanto a humanidade for carnívora e mate para comer.

Pois o esquadrão da morte de Campinas, que se intitula Clube Campineiro de Caça e Tiro, não mata para comer, como o nome poderia indicar. Bem que poderia dedicar-se a ir físgar uns excelentes pintados e dourados, que ainda existem no Tietê, lá para os lados de Piracicaba. Mas, ao que me disseram, tais peixes já não são mais mortos pelos clubes de caça e pesca: são mortos pelos dejetos químicos que certas fábricas lançam no rio. E tampouco as pacas, as capivaras, os tatus, que ainda conheci à mesa de minha avó: esses são assassinados pela expansão imobiliária.

Mas os pombos? Que mal fazem os pombos, pombas?! Não se fixaram em nossa culinária. São os mesmos inocentes que anunciaram o fim do dilúvio a Noé; os mesmos que posaram de modelo para a Pomba da Paz, de um e de outro lado das Ideologias; os mesmos que libram sobre a Cabeça do Senhor, os mesmos do lápis de Picasso, das revoadas comemorativas, símbolos parnasianos do amor, seja na China Comunista ou nos serviços postais americanos. E agora nos vem um senhor Luiz Ganizelli, que se intitula presidente do Esquadrão da Morte de Campinas, afirmar: "Praticamos esse esporte sob legislação federal". Antes de tudo, isto não é esporte. E mesmo que o fosse, já se conseguiu proibir no Brasil a tourada. Porque o Presidente do Esquadrão não consegue levantar a proibição e não enfrenta uns mil e quinhentos touros, em vez de mil e quinhentos pombos? Ou porque não se apresenta como voluntário para extinguir, com o seu esporte, a peste suína?